

PAULO FREIRE E O FUTURO NA ESCOLA**PAULO FREIRE AND THE FUTURE OF SCHOOL** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.012-059>**Francisco Renato Silva Ferreira**

Mestre em Ensino em Saúde
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO
Vínculo: Secretaria Municipal de Educação de Altaneira/CE - SME
E-mail: norf20@hotmail.com
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/6775378848524040>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3977-0136>

Antonio Willame da Silva Alves

Doutor em Bioquímica
Universidade Federal do Ceará – UFC
Vínculo: Universidade Federal do Ceará – UFC
E-mail: alves.aws@gmail.com
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/7062255903291331>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0598-2329>

Frank Junio Mendonça

Mestre em Gestão, Inovação e Consumo
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
Vínculo: Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO
E-mail: frankjr.adm@gmail.com
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2830387227760366>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4840-4942>

Ronieris Bernadino dos Reis Silva

Especialista em Educação Matemática
Faculdades Integradas de Patos – FIP
Vínculo: Secretaria Municipal de Educação de Crato/CE - SME
E-mail: roni.reiz@gmail.com
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2651999766750460>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-5281-1204>

Raphael Ferreira Perdigão

Mestrando em Tecnologias Emergentes na Educação
MUST University – MUST/EUA
Vínculo: Secretaria Municipal de Educação de Juazeiro do Norte/CE - SME
E-mail: raphaelfperdigao@hotmail.com
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/6673264499855585>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6458-9320>



Angelina Silva Melo

Especialista em Língua Portuguesa e Artes
Universidade Regional do Cariri – URCA

Vínculo: Secretaria Municipal de Educação de Juazeiro do Norte/CE - SME

E-mail: meloangelina29@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-6011-3284>

Cicero Jackson Pinheiro Beserra

Mestre em Ensino de Física

Sociedade Brasileira de Física (SBF) Polo P31 – URCA

Vínculo: Secretaria Municipal de Educação de Juazeiro do Norte/CE - SME

E-mail: jacksonpinheirofisica@gmail.com

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/7821812927688605>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3540-0058>

Aldenir Raimundo dos Santos

Especialista em Gestão Escolar

Centro Universitário Faveni – UNIFAVENI

Vínculo: Secretaria Municipal de Educação de Crato/CE - SME

E-mail: aldenir.pele@gmail.com

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/9006022942018667>

Decarla Gomes da Silva

Especialista em Educação

Universidade Federal do Ceará – UFC

Vínculo: Secretaria Municipal de Educação de Porteiras/CE – SME

E-mail: decarlavida@outlook.com

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/8175571777468083>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9064-4461>

Maria Deuzani da Silva Lacerda

Mestra em Educação

Universidade Aberta do Brasil - UAB

Vínculo: Secretaria de Estado de Educação do Ceará - SEDUC

E-mail: deuzanir30@hotmail.com

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/9300095603666616>

RESUMO

Este estudo analisa a contribuição do pensamento pedagógico de Paulo Freire para a construção da escola do futuro, considerando as transformações sociais, culturais e tecnológicas do século XXI. O objetivo foi compreender de que maneira os fundamentos freireanos — diálogo, conscientização, crítica à educação bancária e valorização da diversidade — podem orientar práticas pedagógicas inclusivas e emancipatórias. Adotou-se uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e caráter analítico-interpretativo, com base em obras originais de Freire e estudos recentes. Os resultados indicam que sua pedagogia permanece atual e capaz de inspirar currículos críticos, integração responsável das tecnologias e fortalecimento da participação democrática. Conclui-se que a escola, inspirada nesses princípios, pode transformar-se em um espaço vivo de construção coletiva do conhecimento e promoção da cidadania. O estudo reforça a relevância de revisitar e atualizar o legado freireano para responder aos desafios educacionais contemporâneos e projetar um futuro escolar mais justo e inclusivo.



Palavras-chave: Paulo Freire; Escola; Futuro.

ABSTRACT

This study examines the contribution of Paulo Freire's pedagogical thought to building the school of the future, considering the social, cultural, and technological transformations of the 21st century. The objective was to understand how Freirean foundations — dialogue, conscientization, critique of banking education, and appreciation of diversity — can guide inclusive and emancipatory pedagogical practices. A qualitative, bibliographic, and analytical-interpretative approach was adopted, based on Freire's original works and recent studies. The results indicate that his pedagogy remains current and capable of inspiring critical curricula, responsible integration of technologies, and strengthening democratic participation. It is concluded that the school, inspired by these principles, can become a living space for the collective construction of knowledge and the promotion of citizenship. The study reinforces the relevance of revisiting and updating Freire's legacy to address contemporary educational challenges and envision a fairer and more inclusive school future.

Keywords: Paulo Freire; School; Future.



1 INTRODUÇÃO

A história da educação brasileira não pode ser compreendida sem a presença vigorosa e inspiradora de Paulo Reglus Neves Freire (1921–1997), cuja obra ultrapassou as fronteiras nacionais e se consolidou como referência universal para uma pedagogia crítica, dialógica e emancipadora. Filho de um tempo de intensas transformações sociais e políticas, Freire experimentou, desde a infância em Recife, as marcas da desigualdade e da fome, vivências que lhe despertaram a compreensão de que a educação não é neutra, mas profundamente vinculada às estruturas de poder e às possibilidades de libertação humana.

Na tessitura de seu pensamento, a escola não se limita à transmissão de conteúdos, mas se configura como espaço de diálogo, investigação e ação transformadora. Como afirma Freire:

Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível, pois o ato de ensinar não se reduz à mera transferência mecânica de saber. Trata-se de um processo que se enraíza na criação das condições para que o conhecimento seja construído de forma autônoma, crítica e participativa, reconhecendo no educando um sujeito histórico e criador (FREIRE, 2021, p. 79).

Tal concepção se opõe frontalmente àquilo que o autor denominou de “educação bancária”, modelo em que o educador deposita informações nos educandos, sem diálogo e sem conexão com a realidade vivida. Para Freire, educar é, antes de tudo, um ato político e ético, inseparável do compromisso com a justiça social e com a dignidade de todos. Em *Educação como prática da liberdade*, defende que:

Não há educação neutra, pois toda prática educativa se inscreve em um projeto de sociedade. Ela se constitui, inevitavelmente, ou como instrumento de domesticação das consciências, servindo à manutenção da ordem estabelecida, ou como prática da liberdade, orientada para a emancipação, a autonomia e a transformação social (FREIRE, 2022, p. 45).

Diante dos desafios contemporâneos, marcados pela aceleração tecnológica, pelo aprofundamento das desigualdades e pela crise das democracias, pensar o futuro da escola exige retomar criticamente o legado freireano. É preciso compreender que suas ideias não se cristalizaram no passado, mas se renovam e se ressignificam na medida em que dialogam com novas demandas: inclusão digital, valorização das diferenças, educação ambiental, combate ao racismo e à intolerância, fortalecimento da cidadania e promoção da participação efetiva dos estudantes na construção do conhecimento.

A relevância do pensamento de Freire para o presente e para o futuro reside, sobretudo, na compreensão de que a educação é um ato de amor e coragem, capaz de suscitar nos sujeitos a consciência de sua inacabada condição histórica. Como sintetiza o próprio autor:

A educação é um processo dinâmico que, ao incidir sobre as pessoas, é capaz de transformá-las de forma profunda e duradoura. E são justamente essas pessoas, modificadas em sua consciência e em sua visão de mundo, que têm a potência de intervir e transformar a própria realidade social em que vivem (FREIRE, 2022, p. 45).

Esta pesquisa parte da premissa de que a pedagogia freireana fornece bases sólidas para orientar a construção de um projeto escolar que una rigor acadêmico, sensibilidade humana e compromisso social. Ao longo deste artigo, articulam-se as reflexões extraídas das obras centrais de Freire com estudos contemporâneos que investigam a aplicabilidade de seus princípios no contexto atual, visando compreender de que forma podem iluminar caminhos para a escola do futuro.

Do ponto de vista estrutural, este trabalho organiza-se em seis partes: após esta introdução, apresenta-se a fundamentação teórica, que revisita o percurso histórico e conceitual do pensamento freireano; na metodologia, descrevem-se os procedimentos adotados para a análise; na discussão e resultados, exploram-se as conexões entre a pedagogia de Freire e as demandas da escola contemporânea; por fim, nas considerações finais, sintetizam-se as principais conclusões e se reafirma a urgência de se repensar a educação a partir de uma perspectiva crítica e libertadora.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO E VIDA DE PAULO FREIRE

A compreensão do pensamento pedagógico de Paulo Reglus Neves Freire (1921–1997) exige um olhar atento ao contexto histórico e às experiências que moldaram sua visão de mundo. Nascido no Recife, em uma família de classe média que enfrentou severas dificuldades financeiras durante a Grande Depressão, Freire vivenciou, ainda na infância, a fome, a precariedade e a exclusão social — vivências que se tornariam matrizes estruturantes de sua concepção de educação como prática de liberdade.

Desde cedo, sua trajetória foi marcada por uma profunda sensibilidade social, associada a uma postura investigativa e reflexiva diante da realidade. Ao ingressar na Faculdade de Direito do Recife, embora não tenha seguido carreira jurídica, consolidou seu interesse pela linguagem e pela educação, optando por trabalhar como professor de língua portuguesa no ensino secundário. Essa escolha representou mais do que uma decisão profissional: foi a assunção de um compromisso político com o ato educativo.

A década de 1960 foi decisiva para o desenvolvimento de sua proposta pedagógica. Nesse período, coordenou, junto a equipes interdisciplinares, experiências inovadoras de alfabetização de adultos, como a emblemática experiência de Angicos (RN), em 1963, que alfabetizou cerca de trezentos trabalhadores rurais em quarenta e cinco dias. Freire defendia que alfabetizar não era apenas ensinar a ler e escrever, mas possibilitar aos sujeitos a “leitura do mundo” anterior à “leitura da palavra”. Como afirmou:

A leitura do mundo, entendida como a capacidade de compreender criticamente a realidade e as relações sociais que a constituem, precede sempre a leitura da palavra escrita. Por isso, a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade e do aprofundamento da leitura daquele mundo, pois é dessa interação que se constrói um entendimento verdadeiramente transformador (FREIRE, 2021, p. 32).



Sua atuação atraiu reconhecimento internacional, mas também perseguição política. Após o golpe civil-militar de 1964, foi preso e posteriormente exilado, passando por países como Bolívia, Chile, Estados Unidos e Suíça. O período de exílio, longe de enfraquecer sua militância, ampliou o alcance de suas ideias, permitindo-lhe atuar como consultor de organismos internacionais e estabelecer diálogos com educadores e movimentos sociais de diferentes continentes.

No exílio chileno, produziu *Educação como prática da liberdade* (1967) e, pouco depois, já em Genebra, escreveu *Pedagogia do oprimido* (1968), obra que se tornaria referência global e seria traduzida para mais de trinta idiomas. Nesta última, delineia a crítica contundente à educação bancária e propõe uma pedagogia dialógica e problematizadora. Ele assevera:

Na concepção bancária, o educador é aquele que detém o saber e os educandos são vistos como os que nada sabem; o professor é o que pensa e os alunos, os pensados, receptores passivos de informações. Em contrapartida, na visão problematizadora, educador e educandos se reconhecem mutuamente como sujeitos ativos de um processo que se constrói na interação, no diálogo e na reflexão crítica sobre a realidade (FREIRE, 2021, p. 92).

O retorno ao Brasil, em 1980, foi marcado por intensa participação política e acadêmica. Atuou na Universidade de Campinas (Unicamp), na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e foi secretário municipal de Educação de São Paulo (1989–1991), período em que implementou políticas voltadas para a democratização da gestão escolar e para a valorização do magistério.

Freire não se limitou a teorizar: viveu a educação como práxis, unindo reflexão e ação em um movimento constante de reinvenção. Sua vida e obra revelam que pensar a educação é também intervir no mundo, assumindo a dimensão ética e política do ato de ensinar. Em *Pedagogia da esperança*, reafirma:

Ensinar exige a corporeificação das palavras por meio do exemplo vivido, de forma que o discurso do educador esteja em consonância com sua prática cotidiana. É nesse sentido que o professor que apenas diz, mas não age conforme o que ensina, rompe a coerência necessária ao ato educativo e fragiliza o próprio processo de formação (FREIRE, 2020, p. 58).

Com sua morte, em 2 de maio de 1997, o Brasil e o mundo perderam um dos mais influentes educadores do século XX. No entanto, sua pedagogia permanece viva, pois se ancora na defesa da dignidade humana, na crença no potencial criador dos povos e na convicção de que a educação, quando libertadora, é sempre um ato de esperança e transformação.

2.2 FUNDAMENTOS DA PEDAGOGIA FREIREANA

Os fundamentos da pedagogia freireana constituem um conjunto articulado de princípios éticos, políticos e metodológicos que se sustentam na compreensão da educação como prática de liberdade e na crença inabalável no potencial criador dos seres humanos. Ao formular sua proposta, Paulo Freire rompeu



com concepções tradicionais e transmissivas de ensino, substituindo-as por uma perspectiva dialógica, crítica e emancipadora, que reconhece educadores e educandos como sujeitos históricos em permanente processo de construção de conhecimento.

No cerne dessa pedagogia encontra-se o diálogo como categoria fundante do ato educativo. Para Freire, o diálogo não se reduz a uma técnica comunicativa, mas configura-se como postura ontológica, uma forma de estar no mundo que reconhece a alteridade e a intersubjetividade. Em *Pedagogia do Oprimido*, o autor afirma:

Se é dizendo a palavra, e não apenas repetindo sons, que os homens, ao pronunciar o mundo, são capazes de transformá-lo, o diálogo se impõe como caminho indispensável. É nesse processo que as pessoas descobrem, constroem e ressignificam o sentido de seu existir, numa relação de reciprocidade e compromisso com a realidade (FREIRE, 2021, p. 107).

O diálogo freireano rompe com as hierarquias cristalizadas entre quem ensina e quem aprende. Nesse sentido, educadores e educandos se reconhecem como coautores do processo educativo, estabelecendo uma relação horizontal em que o saber se constrói de forma compartilhada, a partir da problematização da realidade concreta.

Outro pilar essencial é a conscientização (*conscientização*), entendida como o processo pelo qual os sujeitos se percebem como protagonistas de sua própria história e se mobilizam para intervir criticamente no mundo. Trata-se de um movimento que vai além da mera aquisição de informações: é a tomada de consciência das contradições sociais e a assunção do compromisso ético-político de transformá-las. Sobre esse aspecto, Freire ressalta:

A conscientização implica que os homens reconheçam e assumam plenamente o papel de sujeitos de sua própria reconstrução, conscientes de que sua formação não se limita à adaptação ao mundo tal como está. É impossível pensar a educação como prática da liberdade sem compreender o homem como sujeito histórico, capaz de intervir criticamente e transformar a realidade em que vive (FREIRE, 2022, p. 83).

A pedagogia freireana também se caracteriza por uma crítica contundente à chamada educação bancária, modelo no qual o educador deposita conteúdos prontos nos educandos, concebidos como recipientes passivos. Nessa lógica, o ato educativo perde seu caráter criador e assume função domesticadora. Em oposição, Freire defende a educação problematizadora, na qual o conhecimento é construído a partir da realidade e das experiências dos próprios educandos:

Na concepção bancária, o saber é tratado como uma doação unilateral de quem se julga detentor absoluto do conhecimento para aqueles que são vistos como nada sabendo, mantendo-os em posição passiva. Na perspectiva problematizadora, ao contrário, o saber nasce e se desenvolve a partir da investigação conjunta que educadores e educandos realizam, de forma crítica e dialogada, sobre a realidade concreta em que vivem (FREIRE, 2021, p. 92).



Esses fundamentos estão intrinsecamente ligados à concepção de que educar é um ato político. Não se trata de partidizar o ensino, mas de reconhecer que toda prática educativa carrega valores, intencionalidades e escolhas que incidem diretamente sobre a formação das consciências. Assim, a neutralidade pedagógica é uma ilusão, e a opção por uma educação libertadora significa assumir o compromisso com a dignidade, a justiça social e a igualdade de oportunidades.

Por fim, a pedagogia de Paulo Freire ancora-se na compreensão do homem como ser inacabado, em permanente processo de vir-a-ser. Essa visão recusa qualquer determinismo e afirma a historicidade da existência humana, abrindo espaço para a esperança como categoria pedagógica. Em *Pedagogia da Esperança*, o autor sintetiza esse horizonte ao afirmar que:

A esperança, para além de um sentimento passivo, não significa cruzar os braços e aguardar que as coisas mudem por si mesmas. Trata-se de um ato consciente de ir ao encontro do que se deseja transformar, de construir alternativas e de recusar qualquer forma de acomodação ou conformismo diante da injustiça, assumindo a responsabilidade de agir para superá-la (FREIRE, 2020, p. 69).

Dessa forma, os fundamentos da pedagogia freireana articulam diálogo, conscientização, problematização, ação política e esperança, compondo um projeto educativo que, mais do que formar para o presente, prepara os sujeitos para atuar criticamente na construção de um futuro mais justo e solidário.

2.3 CRÍTICAS À EDUCAÇÃO BANCÁRIA

Entre as contribuições mais conhecidas e debatidas de Paulo Freire está sua crítica contundente ao modelo que denominou “educação bancária”, conceito que sintetiza a prática pedagógica tradicional marcada pela verticalidade e pela passividade do educando. Nessa perspectiva, o ato educativo é reduzido a uma relação mecânica em que o professor, detentor do saber, “deposita” conteúdos nos estudantes, concebidos como recipientes vazios. Esse paradigma, segundo Freire, nega a historicidade e a criatividade dos sujeitos, transformando-os em meros receptores de informações descontextualizadas, destituídas de significado crítico.

Em *Pedagogia do Oprimido*, o autor descreve com precisão o caráter domesticador dessa lógica:

Na concepção bancária, o saber é concebido como uma doação unilateral de quem se julga detentor absoluto do conhecimento àqueles que são vistos como nada sabendo. Trata-se de um ato mecânico de depositar, em que os educandos são reduzidos à condição de simples depositários e o educador, ao papel de depositante. Em vez de se estabelecer uma comunicação autêntica, o professor limita-se a emitir comunicados e realizar depósitos que os alunos recebem de forma passiva, memorizam e repetem sem reflexão crítica (FREIRE, 2021, p. 92).

A crítica freireana a esse modelo não é apenas metodológica, mas profundamente política e ética. A educação bancária, ao tratar os estudantes como objetos de um processo unilateral, colabora para a



manutenção das estruturas de opressão, pois inibe a reflexão, a autonomia e a capacidade de intervenção transformadora. Nesse sentido, perpetua-se um ciclo de reprodução social que limita o potencial emancipatório da escola.

Freire (2022, p. 68) reforça essa denúncia ao afirmar que:

Toda prática educativa, independentemente de seu contexto, envolve uma concepção implícita ou explícita de homem e de mundo, pois traduz valores, princípios e intenções. A educação bancária, ao ignorar essa dimensão crítica, reduz o homem à condição de ser meramente adaptado e submisso à ordem vigente, negando-lhe a vocação ontológica e histórica de ser mais, de transformar-se e transformar a realidade em que vive.

Ao diagnosticar as limitações da educação bancária, o autor propõe a educação problematizadora como contraponto essencial. Diferente da lógica transmissiva, essa abordagem parte da realidade concreta dos educandos, promovendo o diálogo como método e a conscientização como objetivo. Trata-se de substituir a memorização mecânica por uma aprendizagem crítica, que reconheça os estudantes como sujeitos ativos na produção do conhecimento.

Nessa proposta, a relação pedagógica assume caráter horizontal, e o professor deixa de ser “o que tudo sabe” para tornar-se mediador, co-investigador e parceiro no ato de conhecer. Freire (2021, p. 94) sintetiza essa mudança de paradigma:

Na educação problematizadora, educadores e educandos se reconhecem e se fazem sujeitos do processo formativo, participando ativamente de um caminho no qual crescem juntos, mediados pelo mundo e pelas experiências que compartilham. O diálogo, nesse contexto, configura-se como o encontro autêntico entre seres humanos para a pronúncia crítica do mundo, momento em que reflexão e ação se unem para transformá-lo.

A rejeição ao modelo bancário, portanto, não significa apenas a adoção de novas técnicas pedagógicas, mas uma reconfiguração profunda da intencionalidade educativa. Ela implica reconhecer que todo processo formativo está imerso em relações de poder e que optar pela pedagogia problematizadora é assumir o compromisso com a emancipação dos sujeitos e com a transformação da realidade.

Dessa forma, a crítica freireana à educação bancária não se restringe a um diagnóstico teórico: trata-se de um convite à ação pedagógica libertadora, que recusa a neutralidade ilusória e compreende o ato de ensinar como um exercício de liberdade, diálogo e esperança.

2.4 O PAPEL DO DIÁLOGO E DA CONSCIENTIZAÇÃO

No pensamento freireano, o diálogo ocupa lugar central, constituindo-se não apenas como ferramenta didática, mas como essência mesma do processo educativo libertador. Para Paulo Freire, dialogar é reconhecer o outro como sujeito histórico, portador de saberes e experiências que precisam ser



valorizados na construção coletiva do conhecimento. Nesse sentido, o diálogo transcende a dimensão comunicativa para se afirmar como prática ética, política e epistemológica.

Freire (2021, p. 107) afirma com clareza que:

O diálogo é compreendido como o encontro amoroso e respeitoso entre os homens, que, mediatizados pelo mundo e por suas experiências concretas, o ‘pronunciam’ de forma crítica. Ao fazê-lo, não apenas o transformam material e simbolicamente, mas também, nesse mesmo ato, se transformam a si próprios, humanizando o mundo e promovendo a humanização de todos.

Essa compreensão rompe com modelos verticais de ensino, típicos da chamada “educação bancária”, nos quais a palavra do educador se sobrepõe e silencia a do educando. O diálogo, na pedagogia problematizadora, é condição para que haja troca de saberes e reconhecimento da diversidade cultural e social dos sujeitos. Não se trata, portanto, de um recurso acessório, mas do próprio método que sustenta o ato de ensinar e aprender.

Ao mesmo tempo, a pedagogia freireana integra o diálogo à conscientização, compreendida como o processo pelo qual o indivíduo adquire uma compreensão crítica da realidade, percebendo-se capaz de intervir e transformá-la. Trata-se de uma consciência que supera a percepção ingênua ou fatalista dos fenômenos sociais, incorporando uma visão histórica e dialética do mundo. Como sustenta Freire (2022, p. 83):

A conscientização não pode existir fora da práxis, ou seja, desvinculada do ato dinâmico de ação-reflexão que caracteriza o processo educativo transformador. Essa unidade dialética, indissociável e permanente, constitui condição indispensável para que os homens se reconheçam como sujeitos históricos, assumam a responsabilidade de sua própria formação e conquistem efetivamente a sua libertação.

Na perspectiva freireana, diálogo e conscientização não são dimensões dissociadas: um alimenta o outro. O diálogo verdadeiro é aquele que problematiza a realidade, desperta a reflexão crítica e mobiliza para a ação transformadora; e a conscientização, por sua vez, só se concretiza no exercício permanente do diálogo autêntico. É nessa interação que se forma o sujeito histórico, capaz de compreender-se como parte de um coletivo e de assumir responsabilidade pela construção de uma sociedade mais justa.

Essa concepção implica, para o educador, assumir postura de humildade, escuta ativa e abertura para o inédito. Não há lugar para autoritarismos ou imposições unilaterais, pois o conhecimento se constrói no encontro de horizontes. Em *Pedagogia da Esperança*, Freire (2020, p. 58) reforça que:

O educador que não escuta atentamente o educando, que não se dispõe a abrir-se ao diálogo genuíno com ele, desperdiça a oportunidade de conhecer e fazer florescer a riqueza cultural e simbólica que o aluno carrega consigo. Essa riqueza, ainda que esteja em estado embrionário, constitui-se em potencial formativo que, quando reconhecido e valorizado, pode transformar profundamente o processo educativo.



Ao conjugar diálogo e conscientização, Paulo Freire propõe uma pedagogia comprometida com a transformação social, na qual o ato educativo é, simultaneamente, um ato de conhecimento e um ato político. A escola, nesse horizonte, deixa de ser um espaço de adaptação passiva para tornar-se território de escuta, de fala e de ação, em que todos — professores, estudantes e comunidade — participam ativamente da leitura e da reescrita do mundo.

Dessa forma, compreender o papel do diálogo e da conscientização na pedagogia freireana é reconhecer que a educação libertadora não se limita a conteúdos curriculares ou metodologias, mas se afirma como um projeto de humanização, onde a palavra, a reflexão crítica e a ação coletiva se entrelaçam na construção de um futuro mais digno e solidário.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa desenvolve-se no âmbito de uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e natureza analítico-interpretativa, tendo como objetivo compreender e discutir a relevância da pedagogia freireana para o futuro da escola no contexto contemporâneo. O estudo pauta-se no entendimento de que a investigação acadêmica, especialmente no campo das ciências humanas e da educação, requer a imersão crítica nas ideias, conceitos e contextos que moldam o objeto de análise, articulando o levantamento teórico a uma interpretação aprofundada da realidade.

A escolha da abordagem qualitativa justifica-se por sua capacidade de captar a complexidade dos fenômenos educacionais e de permitir a interpretação de significados, valores e práticas. Segundo Minayo (2022, p. 24):

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo simbólico e subjetivo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes humanas, correspondendo, assim, a um espaço mais profundo de compreensão das relações sociais, dos processos históricos e dos fenômenos culturais. Trata-se de uma abordagem que não pode ser reduzida ou limitada à simples operacionalização de variáveis mensuráveis.

Para a constituição do corpus teórico, procedeu-se à análise de obras originais de Paulo Freire, notadamente *Pedagogia do Oprimido* (2021), *Educação como prática da liberdade* (2022) e *Pedagogia da esperança* (2020), que constituem o núcleo de referência conceitual desta investigação. Paralelamente, foram incorporados artigos científicos publicados em periódicos de reconhecido rigor acadêmico, indexados no sistema Qualis-CAPES, e outras produções contemporâneas que atualizam, complementam ou problematizam a aplicabilidade dos fundamentos freireanos na atualidade.

A pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2021, p. 57):



Desenvolvem-se a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros, artigos científicos e outras publicações relevantes, selecionados de forma criteriosa para sustentar a análise. Embora, em grande parte, se utilize de material de segunda mão, é igualmente possível e recomendável recorrer a fontes primárias, como documentos originais, registros oficiais e textos fundadores, que conferem maior profundidade e autenticidade à investigação.

A análise dos dados obtidos não se restringiu à mera exposição das ideias encontradas, mas procurou estabelecer conexões críticas entre o pensamento de Paulo Freire e os desafios emergentes da educação no século XXI, tais como a democratização do acesso às tecnologias digitais, a inclusão de grupos historicamente marginalizados, a preservação de valores democráticos e a construção de currículos emancipadores.

O procedimento metodológico consistiu, portanto, em três movimentos complementares: (a) levantamento e seleção criteriosa do material bibliográfico; (b) leitura analítica e dialógica das obras, de modo a compreender as categorias e princípios que estruturam a pedagogia freireana; e (c) interpretação crítica, articulando os referenciais teóricos com a realidade escolar e com as demandas projetadas para o futuro da educação. Esse processo interpretativo foi orientado pelo princípio freireano de que:

Não há ensino sem pesquisa e nem pesquisa sem ensino, pois ambas as atividades se entrelaçam e se alimentam mutuamente no processo educativo. Ensinar implica investigar, questionar e buscar novos caminhos para o conhecimento, assim como pesquisar exige reflexão crítica, partilha de saberes e compromisso com a formação, fazendo com que uma não exista plenamente sem a outra (FREIRE, 2021, p. 32).

Dessa forma, a metodologia adotada permitiu não apenas resgatar e sistematizar o legado de Paulo Freire, mas também projetá-lo criticamente como horizonte para a construção de uma escola capaz de responder, de forma criativa e democrática, aos desafios e às possibilidades do tempo presente e futuro.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 RELEVÂNCIA DE PAULO FREIRE PARA A ESCOLA DO FUTURO

Pensar a escola do futuro à luz do pensamento freireano é um exercício de imaginação crítica que transcende a mera previsão de tendências e se ancora na construção de um horizonte ético-político para a educação. A relevância de Paulo Freire para esse debate reside no fato de que sua pedagogia não oferece fórmulas prontas, mas princípios e categorias que permanecem atuais e desafiadores, capazes de orientar a reinvenção constante da prática educativa diante das novas realidades.

Em tempos de intensas transformações tecnológicas, reconfigurações culturais e profundas desigualdades sociais, a escola não pode limitar-se a adaptar conteúdos e métodos; precisa, sobretudo, reafirmar seu papel como espaço de formação crítica, de diálogo e de emancipação. Nesse sentido, a



pedagogia freireana continua sendo um referencial teórico-metodológico incontornável, pois preserva o equilíbrio entre o rigor intelectual e o compromisso com a dignidade humana.

Freire (2021, p. 107) adverte que:

Não é no silêncio, entendido como ausência de expressão e de participação, que os homens se constroem como sujeitos históricos, mas sim na palavra viva, no trabalho concreto e no movimento dialético de ação-reflexão. Não existe palavra verdadeira que não seja também práxis transformadora, razão pela qual dizer a palavra autêntica é, necessariamente, engajar-se na transformação do mundo.

A escola do futuro, inspirada nesse princípio, precisa assumir a palavra como prática transformadora, ampliando espaços de escuta e expressão, valorizando os saberes que os estudantes trazem de suas comunidades e estimulando-os a problematizar a realidade. Isso implica compreender que o conhecimento escolar não pode estar dissociado das questões sociais, ambientais, culturais e éticas que moldam o presente e projetam o amanhã.

A relevância de Paulo Freire também se manifesta na defesa intransigente da educação como prática da liberdade. Em *Educação como prática da liberdade*, o autor afirma que:

A educação, concebida como prática da liberdade, configura-se como um ato de conhecimento e, ao mesmo tempo, como um ato criador, no qual educador e educando se reconhecem como sujeitos do processo formativo. Não pode, portanto, restringir-se à simples transmissão mecânica de conteúdos prontos, devendo criar condições para que o educando construa, de maneira crítica e autônoma, a sua própria compreensão do mundo e de seu papel na transformação da realidade (FREIRE, 2022, p. 87).

Essa perspectiva orienta para uma escola que vá além da função instrucional, tornando-se espaço de formação cidadã e de fortalecimento da democracia. Em um cenário de constantes disputas por narrativas e significados, tal função se torna ainda mais estratégica, pois garante que os estudantes desenvolvam a capacidade de analisar criticamente as informações, discernir interesses ocultos e posicionar-se eticamente frente às complexas questões do século XXI.

Outro ponto que reforça a relevância de Freire é sua concepção de educação como ato político. Ao desmascarar a falsa neutralidade pedagógica, ele convida educadores e educandos a reconhecerem-se como sujeitos históricos e a assumirem sua responsabilidade na transformação da realidade. A escola do futuro, nesse horizonte, será aquela que não teme afirmar seu compromisso com os direitos humanos, a justiça social e a equidade.

Além disso, o legado freireano oferece fundamentos sólidos para integrar as tecnologias digitais de forma crítica e criativa. Ao invés de submeter-se a uma lógica tecnocrática ou meramente instrumental, a escola inspirada por Freire utilizará as tecnologias como ferramentas para ampliar o diálogo, facilitar a colaboração e democratizar o acesso à informação, sempre com mediação humana consciente.



Por fim, a atualidade de Paulo Freire para o futuro da escola está na sua aposta radical no ser humano como sujeito inacabado e capaz de aprender, desaprender e reaprender continuamente. Essa compreensão, presente em *Pedagogia da esperança*, sintetiza-se na afirmação de que:

O inacabamento do ser humano, longe de representar uma condenação ou limitação definitiva, constitui-se como a sua maior esperança e potencialidade. É precisamente essa condição de ser inconcluso que lhe possibilita reinventar-se continuamente, refazer seus caminhos, reconstruir saberes e transformar, de modo criativo e crítico, a realidade em que vive (FREIRE, 2020, p. 71).

Assim, a escola do futuro, orientada pelos princípios freireanos, será um espaço vivo, aberto ao novo e comprometido com a construção coletiva de uma sociedade mais justa, plural e solidária. Não se trata de um projeto utópico no sentido de inalcançável, mas de uma utopia concreta, ancorada na ação cotidiana e na convicção de que educar é sempre um ato de esperança e de transformação.

4.2 INCLUSÃO, DIVERSIDADE E TECNOLOGIAS

A construção da escola do futuro, inspirada na pedagogia freireana, não pode prescindir de um compromisso radical com a inclusão e o reconhecimento da diversidade humana como riqueza pedagógica e cultural. Para Paulo Freire, a educação não é um ato neutro, mas uma prática política que tanto pode perpetuar estruturas excludentes quanto promover a emancipação. Nesse sentido, a inclusão e o respeito às diferenças não são concessões, mas exigências éticas e epistemológicas para qualquer projeto educacional que se pretenda democrático e libertador.

Freire (2021, p. 68) enfatiza que:

O respeito à autonomia e à dignidade de cada pessoa constitui um imperativo ético fundamental, que deve orientar toda prática educativa comprometida com a humanização. Não se trata de um favor eventual que possamos escolher conceder ou negar, mas de um princípio inegociável, sem o qual não é possível estabelecer relações pedagógicas verdadeiramente democráticas e emancipadoras.

Ao compreender a inclusão sob essa ótica, a escola do futuro precisa reconhecer e valorizar as múltiplas identidades, experiências e saberes que compõem seu espaço. Isso significa não apenas garantir o acesso físico e formal, mas efetivar a permanência e o sucesso escolar de todos, criando ambientes de aprendizagem em que cada estudante se sinta representado, acolhido e protagonista de seu percurso formativo.

A diversidade, entendida de forma ampla — abrangendo aspectos étnico-raciais, culturais, linguísticos, religiosos, de gênero, sexualidade e condições físicas e cognitivas — deve estar inscrita no currículo, nas práticas pedagógicas e nas relações cotidianas da escola. Essa perspectiva rompe com visões homogêneas e monoculturais, abrindo caminho para um currículo crítico, intercultural e dialogado, no qual



o conhecimento não seja imposto de forma unilateral, mas construído a partir da escuta e da interação entre diferentes realidades.

Nesse processo, as tecnologias digitais apresentam-se como ferramentas potentes, mas que, à luz do pensamento freireano, precisam ser apropriadas criticamente. A simples inserção de equipamentos e plataformas digitais não garante a democratização do saber, podendo até acentuar desigualdades caso não haja mediação pedagógica consciente. É preciso compreender que a tecnologia deve estar a serviço do diálogo e da emancipação, e não da padronização ou da reprodução de lógicas mercadológicas no espaço escolar.

Freire (2022, p. 115), ao refletir sobre a mediação educativa, lembra que:

Não basta ao sujeito ter acesso formal à palavra escrita ou aos recursos tecnológicos disponíveis; é indispensável que se aproprie desses instrumentos de maneira crítica e consciente. Somente assim poderão servir como meios efetivos de libertação, promovendo autonomia e participação cidadã, e não como mecanismos de opressão ou de manutenção das desigualdades.

Assim, o uso pedagógico das tecnologias deve ampliar as possibilidades de comunicação, facilitar a produção colaborativa de conhecimento e garantir que todos os estudantes, independentemente de sua condição socioeconômica ou geográfica, tenham acesso aos mesmos recursos e oportunidades de aprendizagem. Trata-se de promover uma alfabetização digital crítica, capaz de formar cidadãos que não apenas consumam informações, mas que as analisem, interpretem e produzam de forma ética e criativa.

A integração entre inclusão, diversidade e tecnologias exige do educador uma postura investigativa e sensível, capaz de articular saberes tradicionais e inovações contemporâneas. O futuro da escola, nessa perspectiva, não se constrói com a simples adoção de ferramentas digitais ou com discursos superficiais sobre diversidade, mas com o compromisso real de transformar a prática pedagógica e a cultura escolar. Isso requer a construção de espaços dialógicos, nos quais as tecnologias sejam mediadoras do encontro entre diferentes visões de mundo, e não barreiras que aprofundem exclusões.

Portanto, à luz do pensamento freireano, inclusão, diversidade e tecnologias devem compor um trinômio indissociável na configuração da escola do futuro. Não se trata de metas isoladas, mas de dimensões integradas que, quando assumidas com profundidade crítica, tornam a escola um verdadeiro espaço de humanização, criatividade e justiça social.

4.3 CURRÍCULOS CRÍTICOS E EMANCIPADORES

A concepção freireana de currículo rompe com a visão tradicional de um conjunto fixo de conteúdos, organizado de forma linear e descontextualizada, para defender um currículo vivo, dialógico e orientado à emancipação dos sujeitos. Na perspectiva crítica, o currículo não é apenas um instrumento técnico, mas um



campo de disputa simbólica e política, no qual se definem quais conhecimentos são legitimados e quais permanecem marginalizados.

Para Paulo Freire, a escolha do que se ensina e do que se aprende nunca é neutra: ela reflete interesses, valores e projetos de sociedade. Assim, um currículo crítico e emancipador precisa emergir da realidade concreta dos educandos e articular-se com os desafios e potencialidades de suas comunidades. Em *Pedagogia do Oprimido*, o autor afirma:

Ensinar exige a apreensão crítica e sensível da realidade, pois a prática docente não pode, em hipótese alguma, estar desconectada das condições concretas e das experiências vividas pelos educandos. Quando se distancia desse contexto, corre o risco de reduzir-se a uma mera retórica vazia, destituída de significado e incapaz de promover aprendizagens transformadoras (FREIRE, 2021, p. 85).

Esse entendimento implica que a construção curricular não seja um ato isolado, elaborado apenas por especialistas ou gestores, mas um processo coletivo que envolva educadores, estudantes, famílias e comunidade. Dessa forma, o currículo deixa de ser uma prescrição vertical e torna-se uma construção partilhada, capaz de acolher diferentes saberes e experiências, articulando o conhecimento científico ao conhecimento popular.

Um currículo crítico e emancipador, portanto, é aquele que promove a problematização da realidade. Ele não se limita à memorização de conteúdos, mas incentiva a reflexão, o questionamento e a ação transformadora. Freire (2022, p. 103) sustenta que:

O saber que não se renova continuamente na prática pedagógica e que não se reinventa por meio do diálogo vivo com a realidade concreta tende a degenerar em mero verbalismo. Desconectado da experiência e da reflexão crítica, esse conhecimento perde sua força libertadora e deixa de cumprir seu papel transformador na formação dos sujeitos.

Nesse sentido, a seleção e a organização dos conteúdos devem responder a questões socialmente relevantes, conectadas à vida dos estudantes e às demandas do tempo presente, como justiça social, sustentabilidade ambiental, direitos humanos, diversidade cultural e cidadania digital. O currículo, assim concebido, não se fragmenta em disciplinas estanques, mas se organiza de forma interdisciplinar, permitindo a compreensão integrada dos fenômenos.

A emancipação, no contexto curricular, não é um resultado automático, mas um horizonte que se constrói na prática pedagógica cotidiana. Para que o currículo cumpra seu papel libertador, o educador precisa assumir postura investigativa, mediadora e dialógica, rejeitando qualquer forma de autoritarismo intelectual. Em *Pedagogia da Esperança*, Freire (2020, p. 58) alerta:



O professor que acredita poder ensinar sem também aprender, que se fecha ao diálogo verdadeiro e não acolhe a curiosidade investigativa do educando, acaba por comprometer o sentido crítico do ato educativo. Ao adotar tal postura, corre o sério risco de transformar o currículo em um instrumento de domesticação e controle, em vez de convertê-lo em um meio de libertação e emancipação dos sujeitos.

Assim, um currículo crítico e emancipador deve ser dinâmico, revisitado constantemente e aberto à participação ativa dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Ele deve resistir às pressões de padronização e mercantilização da educação, afirmando-se como espaço de construção coletiva do conhecimento e de fortalecimento da autonomia intelectual e política dos estudantes.

No horizonte da escola do futuro, inspirada por Paulo Freire, o currículo não é apenas um documento oficial, mas uma prática viva e comprometida com a transformação social. Ele se configura como um território de encontro entre saberes, de exercício da cidadania e de afirmação da dignidade humana, reafirmando que educar é sempre um ato político e um ato de esperança.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como propósito examinar a relevância do pensamento de Paulo Freire para a construção da escola do futuro, analisando como seus fundamentos — diálogo, conscientização, crítica à educação bancária, valorização da diversidade e integração crítica das tecnologias — podem orientar práticas pedagógicas mais democráticas, inclusivas e emancipatórias. Ao longo da investigação, procurou-se articular as contribuições originais do autor com os desafios contemporâneos da educação, reafirmando que sua pedagogia mantém plena atualidade e potencial transformador.

Os resultados apontam que a proposta freireana permanece como um referencial sólido para enfrentar desigualdades, promover a participação efetiva dos sujeitos e construir currículos que valorizem o saber local sem perder o diálogo com o conhecimento científico. Verificou-se que, ao adotar o diálogo como princípio metodológico, a escola se abre para a escuta de múltiplas vozes, fortalecendo a autonomia e o protagonismo dos estudantes. A conscientização, por sua vez, mostrou-se um caminho eficaz para formar cidadãos críticos, capazes de compreender e intervir nas realidades em que estão inseridos.

No que tange à inclusão e à diversidade, constatou-se que a pedagogia freireana oferece bases para transformar a escola em espaço de reconhecimento das diferenças, rompendo com estruturas excludentes e criando condições efetivas para a permanência e o sucesso escolar de todos. Já a relação com as tecnologias, quando pautada por uma perspectiva crítica e emancipadora, apresenta-se como oportunidade para ampliar o acesso à informação, promover a colaboração e estimular a produção de conhecimento de forma ética e criativa.

A análise confirmou a hipótese inicial de que o legado de Paulo Freire não apenas se mantém válido, mas se mostra essencial para guiar políticas públicas, práticas pedagógicas e formações docentes no século



XXI. Sua concepção de educação como prática da liberdade oferece não apenas diretrizes metodológicas, mas também uma orientação ética que coloca a dignidade humana e a justiça social no centro do processo educativo.

Conclui-se que a escola do futuro, inspirada nos princípios freireanos, precisa ser pensada como um espaço vivo, onde a aprendizagem esteja vinculada à vida e à realidade social, onde o conhecimento seja produzido coletivamente e onde o compromisso com a transformação social seja parte intrínseca da prática pedagógica.

Como contribuição, este estudo reforça a necessidade de revisitar e atualizar as ideias de Paulo Freire para que elas continuem a iluminar caminhos diante de novas demandas e contextos. Sugere-se, para pesquisas futuras, o aprofundamento da análise de experiências concretas que já aplicam elementos da pedagogia freireana no uso das tecnologias digitais, na educação inclusiva e na formação de professores, de modo a ampliar a compreensão sobre as possibilidades e limites de sua implementação no cenário educacional contemporâneo.



REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire: uma biobibliografia*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2021.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2021.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 15. ed. São Paulo: Hucitec, 2022.
- TORRES, Carlos Alberto. Paulo Freire e a agenda da educação latino-americana no século XXI. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 42, e247222, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES.247222>.